

PENNAC, D. *Mágoas da Escola*. Porto, PT: Porto Editora, 2009.

Silvana Matias Freire\*

O tema de que se trata está indicado, antes mesmo de decodificarmos uma palavra, pela leitura do que não se dá a ler pela grafia. Na capa, a imagem da tristeza de uma criança com seu soldadinho de chumbo: ela está brincando? Na contracapa, o boletim com notas e observações, revelando o fracasso do desempenho do aluno Daniel Pennac.

“Cábula” é o significante que determina as lembranças escolares do autor e que vai percorrer toda a narrativa. Esse termo, pouco utilizado em nosso cotidiano escolar, pode parecer bizarro aos leitores brasileiros, mas se justifica, por se tratar da tradução portuguesa (Ed. Porto) do livro *Mágoas da Escola*, cujo título original é *Chagrin d'école*, de Daniel Pennac, escritor de língua francesa, nascido em Casablanca. À medida que a leitura avança, não há dúvida: cábula é o mau aluno.

O título contradiz a forma terna e bem-humorada com que o autor relata suas desventuras escolares. E, ainda, apesar do título, não é o ressentimento que marca a leitura do livro, e sim a dor e o sofrimento de uma criança que não compreende o que o outro (escola, professores, pais, irmãos mais velhos) quer dele: “[...] não conseguia compreender o que me ensinavam, nem de resto o que a escola esperava de mim” (p. 82).

O livro relata a árdua aprendizagem escolar do autor e os efeitos disso em sua atuação como professor. A narrativa pode ser definida como uma autobiografia, mas, como toda biografia, o tempo que separa o vivido do narrado deixa algumas lacunas, que são preenchidas com a ficção, além dos diálogos imaginários entre o autor e a criança que ele foi, entre o autor e sua mãe e outros.

---

\* Professora de Língua Francesa do Cepae/UFG. E-mail: silvfreire@ig.com.br.

O livro traz vários aspectos que envolvem os problemas escolares e a educação. Aborda questões políticas, históricas e sociais, insere também reflexões sobre mudanças no modo de vida contemporâneo e suas consequências no ambiente escolar. Tudo isso tratado a partir do ponto de vista de um cábula que se tornou professor. O aluno Pennac vem, no percurso da narrativa, interpelar o professor Pennac, e nessa interlocução importantes questões sobre a aprendizagem são discutidas.

Dessa forma, o escritor faz com que sua experiência particular – a própria dificuldade no que se refere à aprendizagem formal – ilumine uma questão universal: ‘como se aprende na escola’ ou ‘por que não se aprende’.

Pennac foi mau aluno, embora perspicaz, inventivo e sociável. Algo o impedia de compreender a lógica das letras e dos números. Nenhuma explicação que, num ambiente familiar supostamente estruturado, justificasse o surgimento de um cábula: “Pai formado na Escola Politécnica, mãe em casa, nem divórcios, nem alcoólicos, nem inadaptados, nem taras hereditárias, três irmãos com o *bac* feito [...] ritmo familiar normal, alimentação saudável, biblioteca em casa, ambiente cultural adequado ao meio e à época [...] conversas à mesa calmas, divertidas e cultas. E, todavia, um cábula” (p. 24).

Uma família surpresa com a produção de um cábula sem explicação. À época, especialistas em educação (psicólogos, psicanalistas, fonoaudiólogos, neuropediatras etc.) ainda não atuavam com a finalidade de cuidar dos cábulas e de suas famílias, na tentativa de explicar o fato de uma criança não aprender.

Assim, por não contar com a explicação de um especialista, a própria família, precisamente seu irmão Bernard, se encarregou disso. Um acidente ocorrido na infância teria sido a origem das dificuldades escolares de Pennac: “Aos seis anos, caíste na lixeira municipal de Djibuti” (p. 26). E as significações produzidas a partir daí se proliferaram: a idade da queda na lixeira coincide com o início da aprendizagem do alfabeto, daí a dificuldade em aprender as letras; as escolas privadas frequentadas por Pennac eram conhecidas como “caixotes de lixo”, onde era depositado o refugio das escolas públicas; as injeções de penicilina que o jovem Pennac deveria tomar, em consequência da queda na lixeira, tornaram-se metáforas de sua escolarização: “Toda minha escolaridade a fugir dos professores [...] armados de seringas gigantescas e encarregados de inocular em mim aquela queimadura espessa [...], uma espécie de chumbo derretido que injetavam num corpo de criança” (p. 26).

O sofrimento marca por muitos anos a vida escolar de Pennac. Exige-se dele a entrada em um universo de letras e de números, cuja lógica (de associação, substituição, composição, decomposição, transformação) lhe escapava totalmente. Tal exigência gera angústia, sem que se consiga fazer com que esse sentimento o conduza a alguma produção cultural.

A aprendizagem formal convoca as crianças a momentos de solidão. É o que nos ensina o psicanalista Gérard Pommier (1996, p. 7), ao colocar a seguinte questão: “As crianças não inventam sozinhas a chave da escrita e se elas não fazem esta descoberta solitariamente não se torna impossível lhes transmitir as formalizações gráficas próprias da cultura?” Com isto pode-se verificar que a solidão é condição para a entrada do sujeito no universo da simbolização formal. Para Pennac, no entanto, ante à impossibilidade de atravessar a espessura da solidão que franqueia o acesso às letras restou a “solidão do cábula humilhado por nunca conseguir *fazer o que deve!*” (p. 28).

Pennac era uma criança “vivaz e brincalhona”, e podemos conferir tal vivacidade nas observações que constam do seu boletim na contracapa. A alegria que o furtava da dor e da vergonha impostas pela cabulice era motivo de reprovação por parte de seus professores: “O mínimo que um cábula podia fazer era ser discreto: nado-morto seria ideal” (p. 28). A alegria, porém, insistia como modo de resistir a ser identificado a um único significante: o cábula, pois, para além do cábula, havia uma criança que gostava de brincar. Pennac reproduz, nas primeiras páginas do livro, os desenhos que fazia, transformando as letras do alfabeto em bonecos fugindo pela margem da folha de papel. Como no poema “O cábula” de Prévert (1976), a saída possível era a transformação da censura em alegria: “Ele diz não com a cabeça/ mas diz sim com o coração/diz sim ao que ama/diz não ao professor/está de pé/é interrogado/e todos os problemas lhe são colocados/de repente ri-se loucamente/e apaga tudo/os números e as palavras/as datas e os nomes/as frases e as armadilhas/e apesar das ameaças do mestre/sob os assobios dos meninos prodígios/com giz de todas as cores/no quadro negro do infortúnio/desenha o rosto da felicidade” (tradução livre).

Da mesma forma surpreendente com que um cábula foi produzido sem uma explicação sociofamiliar que o justificasse – “Um cábula sem fundamento histórico, sem razão sociológica, sem falta de amor: um cábula em si mesmo” (p. 25) –, surge um professor e escritor reconhecido, premiado e requisitado, para dar testemunho de sua escrita e também de sua “bem-sucedida” inserção no mundo das letras.

Dois fatores são destacados como causas de sua saída da condição de cábula. Pennac situa no nono ano o período em que “[...] surgiu o meu primeiro salvador. Um professor de francês [...]. Que viu em mim o que eu era: um efabulador sincero e alegremente suicida [...], pela primeira vez na minha vida escolar, um professor atribuía-me um estatuto; eu existia escolarmente aos olhos de alguém” (p. 82, 83). De acordo com Pennac, os professores que o “salvaram” não passaram por uma formação especializada em lidar com cábulas, tampouco se detiveram na busca de uma causa para tal condição: “Mergulharam de cabeça. Não me apanharam. Mergulharam de novo, dia após dia, mais e mais... Acabaram por me pescar. E muitos outros como eu. Repescaram-nos, literalmente. Devemos-lhes a vida” (p. 36).

Um segundo elemento que Pennac supõe como desencadeador de sua metamorfose foi o amor por e de uma mulher: “Pela primeira vez na vida o meu nome soava aos meus próprios ouvidos! Uma mulher chamava-me pelo meu nome! Eu existia aos olhos de uma mulher, no seu coração, entre suas mãos, e desde logo nas suas recordações, como lia no seu primeiro olhar, no dia seguinte!” (p. 87).

É interessante observar que ambos os fatores estão ligados, ao existir para o outro para além de sua cabulice. Sua existência não mais coincidia com o cábula, pois um descolamento desse significante se estabeleceu. Mesmo que ainda fosse, ao olhar do outro Pennac não era apenas um cábula, mas também um efabulador. O olhar, o investimento do outro o retirou da condição de cábula, alojando-o na posição de sujeito desejado e desejante. Instaurou-se o desejo de saber.

Mais tarde, do outro lado, como professor de língua materna, Pennac fala sobre sua prática e atuação em sala de aula, comenta estratégias de leitura e escrita. Sem ser um manual de como lidar com cábulas, o autor propõe estratégias e posturas pedagógicas que considera importantes para a aprendizagem e para a formação da conduta de crianças e adolescentes.

Tais propostas, porém, aparentemente não trazem nenhuma novidade no campo da educação, mas funcionaram em outros tempos e devem ser consideradas como possibilidades de trabalho. Como exemplo, cita a tradicional prática do ditado, atividade simples, direta e produtiva no que se refere à aquisição da estrutura da língua escrita, fundamental para aceder “[...] ao sentido exacto do texto, ao espírito da gramática, à amplidão das palavras” (p. 122); a rigidez na entrega dos trabalhos: “[...] o dia e a hora de entrega de um trabalho não são negociáveis” (p. 143); a recusa de trabalhos

ruins e a exigência de sua refacção; a oportunidade do trabalho solitário: “[...] ensinar-lhes a própria noção de esforço, incutir neles [...] o gosto da solidão e do silêncio, e sobretudo o domínio do tempo e, portanto, do tédio” (p.143), dentre outros.

Acredito que por vezes abandonamos essas práticas pelo temor de sermos ridicularizados diante de novidades ditas revolucionárias no campo da aprendizagem escolar, principalmente aquelas que prometem que a aprendizagem pode se dar sem esforço, sem tédio, sem dor. Pennac associa tal promessa à representação do aluno como ideal, ou seja, um aluno que não oferece resistência, responde exatamente ao que lhe é solicitado, para quem a aquisição de conteúdos parece se dar sem esforço. Onde está esse aluno? No campo em que atuo, ensino de língua estrangeira, essa imagem aluno aparece em abundância nos ‘novos’ métodos aos quais somos apresentados por ocasião dos congressos de professores.

Ainda que possam parecer suficientemente relevantes para um estudo teórico ou que possam valer também para relações humanas em geral e entre pais e filhos, Pennac nos convoca a reflexões interessantes a propósito da postura do professor em sala de aula. Primeiro, por serem produzidas a partir da própria conduta do autor e segundo, por conferir com sentimentos que a maioria dos professores já experimentou.

Dentre elas está a presença do professor em sala de aula. Trata-se de uma presença física, intelectual e mental: “Eu não estou presente eles deixam de estar” (p. 112). Disso pode advir a insatisfação do professor consigo: “[...] não há ninguém mais célere a gritar uma reprimenda do que um professor descontente consigo mesmo” (p. 112-113).

Não é incomum o professor colocar de lado a criança que ignora, esquecendo-se de que um dia também ignorou. A cada dia isso é esquecido e o que prevalece é a falta de paciência com a ignorância. A partir do momento em que se aprende, o conteúdo parece óbvio: “A grande falha dos professores assenta na incapacidade de se imaginarem *sem saber o que sabem*. Fosse quais fossem as dificuldades sentidas em as adquirir, logo que se encontram na sua posse tornam-se consubstanciais, passam a entendê-las como evidentes (“Mas claro, é *evidente!*”))” (p. 244, grifos do autor).

Pennac não deixa de abordar a relação do professor com os pais. Professor com bastante experiência, enumera grande parte das falas (que se repetem) diante das quais certamente a maioria de nós, professores, já nos deparamos. Falas para as quais somos convocados a responder, mesmo

quando muitas vezes não há o que dizer. Elas demonstram de alguma forma a posição dos pais diante dos impasses colocados por seus filhos. Pennac comenta que em geral são as mães que o procuram. Reproduzirei breves exemplos que resumem bem tais falas: “Há a mãe desesperada [...]: foi a nossa separação [...]. Há a mãe furibunda, convencida de que o filho é desde sempre vítima de uma coligação de professores de todas as disciplinas [...]. Há a mãe que, sem acusar ninguém, vitupera contra a sociedade [...]. Há a mãe que canaliza a raiva contra o filho: o rapaz que tem tudo e não faz nada, o rapaz que não faz nada e quer tudo, o rapaz por quem fizeram tudo e que nunca [...]. Há a mãe que nunca viu um professor ao longo do ano e a que os assediou todos... Há a mãe que telefona muito simplesmente para que a libertem este ano de um filho de quem não quer voltar a ouvir falar até ao próximo ano [...]” (p. 45).

Para finalizar, destaco uma questão que considere digna de ser apontada, não por ter sido longamente discutida, mas por introduzir a narrativa e retornar de forma indireta ao final do livro. Pennac adverte que iniciaria seu livro pelo epílogo e serve-se das primeiras páginas para observar que sua mãe jamais se convenceu não só de sua saída da condição de cábula, como também de seu reconhecido e bem-sucedido percurso literário, parecendo mesmo jamais ter apostado nisso: “O meu futuro afigurou-se-lhe tão comprometido desde sempre que nunca acreditou muito no meu presente [...], sua inquietação resistiu secretamente a todas as ‘provas de sucesso’” (p. 15). Algumas páginas antes do final, Pennac articula uma pergunta, endereçada à sua mãe: “Terei sido um filho desejado? Amado, sim, à maneira da minha época, mas desejado?” (p. 238). Para tal pergunta, que jamais foi proferida, a resposta não pode sequer ser imaginada.

## Referências

POMMIER, G. *Naissance et renaissance de l'écriture*. 2. ed.. Paris: Puf, 2. ed., 1996.

PRÉVERT, J. *Le cancre de Paroles*. 2. ed. Paris: Gallimard, 1976.